ANO 7.°—N.° 345. Guimarãis, 18 de Setembro - 1938. O JORNAL DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO NO CONCELHO. Número avulso 50 ctvs.

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERÊSSES DO CONCELHO ■ Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.°-D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranense

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A pretendente ao trôno, D. Catarina

(8.ª Duqueza de Bragança)

I

Foi esta uma notável figura de patriota. Foi uma das mulheres portuguesas que de maior prestígio rodearam e revestiram a Sereníssima Casa de Bragança, sendo porisso também uma de aquelas que mais se notabilizaram perante os vindouros pela intransigência, por ela sempre mantida para com Filipe I, de Portugal, e II, de Espanha, sempre baseada no direito.

Adornada de virtudes apreciáveis e primorosas, possuía uma prespicácia intelectual extraordinária e digna de registo. Austera e solícita educadora da sua prole era ao mesmo tempo dotada de um coração generoso que a tornou sempre amada e sempre respeitada dos seus patrícios e contemporâneos. Era uma verdadeira portuguesa que só desejava o bem da Pátria e a independência da mesma.

A sua memória subsiste em tôda a parte em que a nossa História é conhecida.

A-pesar-de neta de um dos reis portugueses mais notáveis, não era todavia vaidosa, mas sabia impôr-se quando era preciso. Esta é a verdade. Muito ilustrada, pois sabia grego e latim, era também versada na Astrologia e na Matemática, tendo freqüentado com bastante assiduïdade a academia de sua tia, a infanta D. Maria, com quem se criara. Foi um verdadeiro ornamento de aquela ilustre academia. Os reis e pontífices a consideravam muito, não só pelas qualidades e sentimentos que a caracterizavam, como pela atitude desassombrada, altiva e sempre patriótica com que sustentou os seus direitos ao trono. Na verdade foi grande e sobremodo apreciável a sua conduta perante as exigências do rei espanhol, não cedendo a mais pequena parcela de intransigência diante das múltiplas mercês e honrarias com que Filipe I a tentou dissuadir dos seus intentos à Corôa, depois de já violentamente a ter esbulhado dela. Jàmais êle logrou captar-lhe a simpatia, promovendo-lhe a amisade e a desistência, porque ela foi sempre inflexível e sempre enérgica diante de tôdas as capciosas gentilezas e deferências com que o dito rei deseja empolgá-la; não cede um passo no caminho encetado.

D. Catarina, sempre altiva, não abandona a causa sagrada da Pátria, embora vencida. Prossegue com tôda a nobreza do seu ânimo varonil, mas com tôda a correcção e aprumo.

Porisso sob qualquer ponto de vista que a estudemos, ela se nos patenteia sempre digna dos nossos maiores encómios e merecedora de um grande respeito através de tôdas as gerações.

Para comprovar isto que afirmamos basta relembrar a traços largos a hombridade e forma de independência com que ela se houve sempre para com o *Demónio do Meio dia* nas duas vezes que êle a visitou.

Uma de cumprimentos oficiais em Vila Boim, no mês de Fevereiro de 1581, depois de tomar conta da Governança do Estado português, visto a duquesa não ter acompanhado o marido a Elvas quando êste foi aguardar o rei na dita cidade, não obstante ela se encontrar ali com o marido, o duque D. João I. Estes duques estavam em Vila Boim, por causa da peste que, com tôda a intensidade, grassava em Vila Viçosa, chegando a vitimar ali, por dia, 23 pessoas.

A outra vez foi quando D. Filipe veio dar-lhe os pêzames pelo falecimento do marido, de cuja morte tivera conhecimento em E'vora, por comunicação que, do facto, lhe fizera o fidalgo Luíz Gonzaga de Menezes.

O rei luso-espanhol, receava muito do poderio da S. Casa de Bragança, porisso decorridos tempos e achando-se viúvo, resolveu — como costuma dizer-se — jogar a última cartada propondo a D. Catarina o seu casamento com êle. Para êsse fim mandou a Vila Viçosa D. Inez de Noronha, espôsa de Vasco da Silveira, avó materna do conde de Unhão que, com tôda a delicadeza, se desempenhou da melindrosa incumbência de que era portadora.

D. Catarina, recebendo-a com a máxima consideração, não hesita um instante nem demora em dar-lhe uma pronta e peremptória recusa, dizendo *que não podia nem devia tirar a seu filho D. Teodório o direito que tenha a governar em Portugal.* Contudo o rei insiste em seus intentos e não desistindo dêles, quando se retira para Madrid, vai pessoalmente a Vila Viçosa, onde se demora um dia. Porém foi debalde, porque nada conseguiu. Foi inútil a sua insistência!

Desta vez D. Catarina responde-lhe mais categórica e altivamente: *Mulheres da minha qualidade não se casam segunda vez.*

D. Filipe, evidentemente, enganou-se, porquanto julgava encontrar na duquesa de Bragança um espírito maleável como fôra o do marido que se deixara acorrentar ao carro triunfal do intruso rei, tendo até aceitado dêle muitas mercês e regalias. E se mais não aceitou foi porque a mulher lhes opoz grande resistência, não querendo alhear-se dos direitos que tinha, vendendo-se assim a trôco de benesses que em nada a prestigiavam. Mas deixemos o que se deu com o duque e continuemos a falar na duquesa que sempre se manteve inalterável desde que o seu padrinho cardial subiu ao trono até que D. Filipe lhe sucedeu no mesmo.

O procedimento de D. Catarina contituíu uma das acções mais patrióticas e mais grandiosas a favor da Independência da Pátria.

D. Henrique reüniu em Outubro de 1579 as côrtes nas casas de Martim Afonso de Sousa, que fôra governador e fundador da capitania de S. Vicente, no Brasil, as quais estavam situadas junto do convento de S. Francisco, da cidade, no largo chamado então do Cruzeiro, e actualmente da Biblioteca Pública, mesmo em frente do edifício, património do Estado, hoje denominado Biblioteca Nacional, onde ainda se vê o palácio do conde de Coruche, o qual no século XVII pertencia ao de Vimioso. Nestas côrtes tratara aquele rei da sucessão ao trono, inclinando-se a dá-la à sobrinha, D. Catarina, cuja resolução lhe comunicara, mandando um emissário a Vila Viçosa, o rev. dr. Jorge Serrão, professo da Companhia de Jesus, 1.° lente de teologia da Universidade de E'vora, acompanhado do dr. Paulo Afonso, deputado da Mesa da Consciência.

Porém nestas côrtes nada ficou decidido de concreto, indo depois, devido aos bons esforços de Cristóvão de Moura, o diadema régio cingir a fronte de Filipe I, de Castela. Realizou-se o que D. Catarina queria evitar, pois não teve quem a auxiliasse na justificada causa que defendia e a que se dedicara tão sincera como lealmente.

Se ela pertencesse ao nosso sexo — disse um escritor — há muito que o seu filho D. Teodório II, seria rei de Portugal.

Parece que estava determinado pela Providência que Portugal seria humilhado primeiramente para depois se levantar mais corajoso e enérgico.

Conta-se a êste respeito que esta duquesa e seu marido certo dia consultaram um astrónomo sôbre a sucessão do trono português e que êle lhes comunicara como vaticínio: *que um príncipe não criado em Portugal mas consanguíneo com os reis do dito reino tomaria conta dêle, mas depois de 60 anos de trabalhos tornaria a ficar próspero, como dantes, triunfando dos reis inimigos.*

II

D. Catarina, vendo que o tio nada decidira de positivo a respeito dela nas côrtes de Almeirim, reünidas na dita vila a 11 de Janeiro de 1580, isto é, vinte e dois dias antes de morrer, dirige-se para ali com um pomposo séquito com o fim de exigir as razões porque fôra expoliada dos seus legítimos direitos. Entra no paço e vai até junto da recâmara do rei enfermo, onde êle estava quási agonizante.

Porém não alcança a consecução dos seus intentos porque o enfermo já não fala e porventura não a conheceu.

Falecido o purpurado rei, Portugal fica entregue à pentarquia eleita em côrtes para o governar *post mortem* do cardial.

* * *

D. Catarina, sobrinha directa do rei D. João III e do 5.° duque de Bragança, D. Teodório I, era casada com o duque D. João I, cujo acto se efectuou em 1565 motivo por que se realizaram, em Vila Viçosa, esplendorosos festejos.

Nascida em Lisboa, foi baptisada em uma sala do palácio dos seus pais da cidade de Lisboa, em Janeiro de 1540, palácio situado no Rossio, da mesma cidade, sendo padrinhos o infante D. Luís e o cardial D. Henrique e madrinha D. Maria, irmã da neófita. Faleceu com 73 anos, 9 meses e 20 dias, isto é, em 15 de Novembro de 1614, sendo sepultada no côro de baixo do convento das Chagas de Vila Viçosa. Sôbre a sua pedra tumular de mármore encontra-se a seguinte inscrição ou legenda:

Aqui jaz a Senhora D. Catarina, filha do Infante D. Duarte e da infanta D. Isabel, mulher de D. João VI duque de Bragança.

Em 1609, isto é, cinco anos e dois meses, antes de morrer, fez o seu testamento que escreveu por sua mão.

Os habitantes de Vila Viçosa, entre os quais viveu 50 anos, consagraram-lhe sempre uma afeição ilimitada, pois ela estava sempre pronta a acudir-lhes em tôdas as desditas e necessidades, procurando por todos os meios atendê-los nas solicitações e súplicas que a cada passo lhe faziam, para lhes suavisar os infortúnios para cujo fim ela não se esquivava, e estava sempre disposta, prodigalizando-lhes os maiores benefícios de que podia dispor. O seu coração era essencialmente bondoso.

Eis um facto bem frisante que exuberantemente o comprova.

Havia por baixo do portão de ferro das dependências do palácio ducal de Vila Viçosa, em que ela vivia, um passadiço sòmente destinado à utilização do pessoal da Casa, o qual comunicava com o reguengo. Pois esta duqueza, com o fim de beneficiar o povo, não só autorizou a serventia pública por êste ponto, como também comprou uma horta contígua, mandando edificar nesta, depois de devidamente murada, uma casa para residência de um hortelão, que ficou encarregado de a guardar e vigiar convenientemente.

E não só isto. A's tardes, principalmente, no verão, ia ela com as suas damas para o mirante do jardim, situado no fim do mesmo, e que ainda hoje conserva o nome por que antigamente era conhecido, *jardim das damas,* o qual mirante é constituído pela histórica janela de Lisboa, onde, segundo ainda hoje, resa a tradição local, a duqueza D. Luíza de Gusmão aguardou ansiosa os emissários da conjuração de Lisboa em 1640 com a notícia da aclamação do marido, no memorável dia 1.° de Dezembro.

Naquêle dito mirante, entretinha-se D. Catarina a ver passar os trabalhadores rurais e as mulheres que regressavam das fainas agrícolas com quem se entretinha a falar, informando-se e interessando-se ao mesmo tempo pelas suas necessidades, as quais procurava depois remediar prontamente com elementos de subsistências e outros donativos. Mas adiante.

Segundo o uso e costume dos Braganças foi D. Catarina, quando morreu, amortalhada no hábito da Ordem Seráfica e teve solenes exéquias na capela ducal, do seu paço, das quais foi celebrante o arcebispo de Evora, D. José de Melo, ainda parente da Casa, que propositadamente fôra àquela vila com alguns dignitários e outros eclesiásticos do seu Cabido e Sé. Durante a sua vida, D. Catarina desempenhou alguns papéis importantes, entre êles, o da regência dos Estados da Sereníssima Casa de Bragança, durante a menoridade do seu primogénito, 2.° duque de Barcelos, e futuro 7.° duque de Bragança e por morte de seu marido a quem sobreviveu 30 anos e foi tão profundo o desgosto que teve e tão intensa mágoa em perdê-lo que nunca mais se assinou *duqueza* tanto em documentos oficiais como em particulares e até em cartas.

Em 1595 fundou um convento de Carmelitas descalços em Altar do Chão, depois de obtida a permissão eclesiástica do seu parente, aquele arcebispo supra referido.

* * *

Posto isto, permita-se-nos que, antes de terminar, tracemos algumas linhas sôbre a visita que D. Filipe I fez à duqueza, em 27 de Fevereiro de 1581, pouco tempo depois de ter tomado posse do trono português e a que acima nos referimos. Eis o que nos diz o dec. 51-11-15 fl.s v.° da Biblioteca da Ajuda: «O rei fazia-se acompanhar da sua guarda a cavalo e de vários fidalgos, tais como os duques de Ossuma, de Portrava, de Medina, os marqueses de Agilar, de Santa Cruz, do Prior de S. João, do marquês de Unhão, alguns condes e outras entidades de elevada categoria social, tanto portugueses como espanhois. O duque de Medina, foi o primeiro que, adiantando-se do séquito, visitou o duque antes que o rei o fizesse. O duque D. João I veio a certa distância de Vila Boim para receber o monarca que apenas o avistou, logo lhe falou, mesmo da portinhola do coche em que viajava, acompanhado do seu cunhado o cardial, arquiduque Alberto. O duque foi o primeiro a falar-lhe e a cumprimentá-lo.

O rei, mandando parar a carruagem, convidou o duque a entrar nela, indo assim os dois até Vila Boim onde a duquesa se encontrava, aguardando-o.

O aposento para a recepção do rei estava ricamente decorado com tapeçarias de rás e cadeiras forradas de brocado e veludo carmezim. D. Catarina esperava o rei na última porta da primeira câmara acompanhada da sua dama caudatária (que lhe levantava a fralda — diz o documento) a qual caudatária era D. Pascoela, filha de Vasco Coutinho, ambos vestidos de preto, de toalhinhas de sêda e hábitos de sarja.

Chegado o rei, a duquesa curvou-se em profunda mesura ao passo que D. Filipe se abaixou também muito. Depois esgueu-se e pegando na mão da duquesa e sem barrete cumprimentou-a. Após esta cerimónia, vieram todos os da comitiva, cumprimentando-a, com o joelho quási em terra, a cujo acto ela correspondeu, dispensando a maior mesura ao príncipe cardial arquiduque Alberto, filho de D. Maria e de Maximiliano II. Depois recolheu-se ela em conferência com D. Filipe na terceira casa, que estava toda alcatefada e decorada com lindas e caras ornamentações de sêda e tapeçarias raras, onde se sentaram sob um docel a par um do outro, ficando porém o cardial-arquiduque um pouco afastado em uma cadeira de brocado, não havendo nessa casa outras mais pessoas, a não ser o *renegado* Cristóvão de Moura que ficara à porta, por onde ninguém ouvia o que falavam.

Esta visita durou hora e meia. O documento a que nos repostamos não diz porém o assunto tratado nesta conferência.

Depois disto, vieram os filhos da duquesa, aos quais D. Filipe saüdou com muita consideração, retirando-se logo acompanhado do duque que foi com êle um *grande pedaço.*

Durante esta visita, que foi revestida de grande cerimonial, houve serviço de frutas e púcaros com água açucarada, nas casas de fora, a todos os fidalgos da comitiva régia.

As frutas eram cobertas de dôce, pêssegos e limões, tudo em grande abundância, servidas em finos pratos grandes.

No campo, isto é, ao ar livre estavam muitas mêsas cheias de pão e pratos com peixe frito, mas êste era, conforme esta terra do Alentejo, a saber: pescada sêca, bacalhau e azeitonas e o chão abastado com ôdres de vinho que ficou de sobejo para tôda a gente baixa que veio muito satisfeita.

El-rei saiu quando noite de Vila Boim, entrando em Elvas já com tochas acesas, entre as 7 e as 8 horas, partindo na 3.ª-feira para Abrantes.

D. Catarina mandou na 2.ª-feira um presente a Elvas ao príncipe cardial arquiduque que era um coço (?) de maldiva guarnecido de pérolas e outra pedraria, pedras muito finas e boas, cem pares de luvas de Ambre, cem lenços e com isto algumas coisas de doce. Este presente valia mais de 60 cruzados».

Foi assim a memorável visita de Filipe I à pretendente ao trono português, D. Catarina de Bragança.

P.e Alberto Gonçalves.

UMA CARTA

Do nosso ilustre colaborador e amigo sr. Dr. Américo Durão, recebemos a carta que abaixo inserimos, a qual se destina a rectificar um período da sua *Entrevista,* que publicamos no número passado, pedindo-lhe nos desculpe o lapso havido.

Meu Presado Antonino:

Guimarãis, Setembro-938

Com a sua amabilidade de sempre, quis o meu Amigo arquivar nas colunas do seu «Notícias de Guimarãis» a entrevista que últimamente dei ao «Diário de Lisboa», e saíu no seu número de 2 dêste mês.

Por isso, só tenho que lhe estar — e estou —, muito agradecido.

Houve, porém, um salto de composição que carece de ser rectificado:

— Dissera eu a Artur Portela, o ilustre jornalista que me fez a honra de me entrevistar, da minha muita simpatia e grande interêsse pelas classes operária e rural, e quando êle me preguntou se, passado o primeiro período da minha estada em Guimarãis, aqui não criara relações, respondi-lhe afirmativamente, acrescentando que as recrutara «desde as classes mais humildes às classes mais elevadas».

Com o brilho e o talento que lhe são habituais, Artur Portela procurou dar uma forma mais literária às minhas palavras, substituíndo-as por «operários, camponeses, colegas da advocacia e nomes da velha nobreza da província».

Não fiz qualquer reparo, dâda a equivalência das duas frases.

A composição do seu simpático semanário, porém, saltou no fim do período as palavras «e nomes da velha nobreza da província» e, assim, rompendo-se o equilíbrio, fiquei um tanto mal colocado perante tantas pessoas que muito considero e a quem só atenções e gentilezas devo.

Ora, se há algum defeito, de que eu não desejo ser injustamente acusado, é êsse — o feio pecado da ingratidão.

Perdõe-me, meu caro Antonino, o espaço que lhe roubo, e creia na sincera estima e admiração do seu amigo e muito obrigado

Américo Durão.

Farpas

Recomeçando

Nunca julguei que esta secção pudesse interessar aos leitores dêste semanário. Mas as cartas que tenho recebido — durante êste forçado interregno — de pessoas que me teem demonstrado vivo interêsse pelo que aqui se escreve, sem animosidades, sem subserviências, sem ligações pessoais com quem quer que seja, animam-me, de novo, a ressuscitar esta secção.

Cá estamos, pois, novamente. Não temos que mudar de atitude, não temos que procurar outro rumo.

Louvaremos os que merecerem louvores, enalteceremos o que mereça ser enaltecido, aplaudiremos o que fôr digno de aplauso e criticaremos, com desassombro mas com justiça, o que nos pareça ser necessário criticar, não com o objectivo estreito de fazer obstrucionismo, mas no desejo grande de contribuír, tanto quanto possível, para uma boa solução de todos os problemas que muito de perto interessam à vida, à prosperidade e à grandeza da terra vimaranense, onde nascemos.

Nem sempre a nossa atitude tem sido bem compreendida por alguns daquêles homens sisudos e conselheirais que se julgam os detentores da técnica e da sabedoria e não toleram — mas hão-de tolerar — os que mostrem uma orientação diferente da sua, uma maneira de vêr completamente independente de grupozinhos de café ou de amigos indiscutíveis, palradores e sabichões.

No caso já aqui tratado dos chamados novos Paços do Concelho irritaram-se certas susceptibilidades, por mercê de uma má compreensão do que, a-propósito, aqui se escreveu e se advogou.

Recebemos, do antigo vereador a que já nos referimos, uma nova carta cheia de nervosismo, de impaciência e de desmentido. Hoje não nos ocuparemos dela. Ficará para o próximo número, se Deus o quiser, e então demonstraremos que não procuramos escrever de ânimo leve e o que aqui se afirma tem base, tem fundamento e é verdadeiro.

São João das Caldas, 13 de Setembro de 1938. *X. X.*

J. Mota Prego de Faria

MÉDICO (1195)

Doenças de crianças. Clínica Geral. Com prática nos Hospitais de Lisboa.

Consultório: R. da República (baixos da Associação Comercial).

Residência: R. de Santo António, Telefone 91 — Consultas das 11 às 13 e das 16 às 18 h.

Gazetilha

Tempo incerto, céu nublado,
tem chovido e trovoado,
ameaça o vendaval,
mas a gente inda não sabe
se é já, ou não, que nos cabe
gramar com o temporal.

Quem o barómetro olhar,
terá que se contentar
em vêr que o tempo é instável,
mas se vem bom tempo, ou não,
continua a ser questão
de feição bem variável.

A coisa vai, ou não vai?
E tudo está a vêr se cai
essa chuva anunciada
pelos vários reportórios,
mas êsses *tipos* finórios
afinal não sabem nada.

Mas com tempo tão incerto
não terá nada de esperto
quem se deita a adivinhar,
pois se o *homem* teima e *põi,*
sòmente é *Deus* que *dispõi,*
por isso é tudo um calhar.

E assim, o mais acertado
é esperar o resultado,
aguardar o que Deus dá,
pois na *presente gravura*
ninguém sabe se é de dura
o tempo que agora está.

Mas que sorte tam mofina
a de não ter uma mina
donde nascessem piadas,
deixaria o *tempo* em paz,
e talvez fôsse capaz
de evitar muitas maçadas.

Camara Dão.

Críticas Pequeninas

Já nos chegou o *Bertrand* de 1939.

O precioso Almanaque nasceu em 1900, naquele famoso ano que os Matemáticos contam como derradeiro do século XIX e o grande Imperador da Alemanha decretou que fôsse o primeiro do século XX. Na era de 39 conta afinal o *Bertrand* 40 anos.

O seu carácter enciclopédico e o primor e arranjo e bom gôsto de Fernandes Costa fizeram daquele Almanaque uma obra prima no género.

Fernandes Costa finou se em 1920, mas a sua obra querida, o jardim selecto dos seus cuidados, teve na Filha um jardineiro à altura dos créditos do Pai.

No recente Almanaque encontram todos variedades bastantes como nos anos transactos.

Lá nos aparece o nosso Costa Guimarãis cantando *A Morna* em soneto de rimas obrigadas. Tam lindo que êle é!

E de Ponta Delgada a mimosa Poetisa D. Maria Isabel da Câmara Quental dá-nos esta jóia: —

Os que amei

O que são hoje? — Esta ânsia, esta agonia...
A vê-los sem os ver, a todo o instante,
Junto d'Êles e d'Êles tam distante,
Na dor eterna que p'ra além me guia...

São a minha saüdade cruciante;
O pensamento meu de cada dia;
O ar que respiro, a luz que me alumia,
Vivos em mim no meu amor constante.

São tudo o que me cerca — em tudo os vejo!
Lembranças que lembrá-las só desejo;
Os ais profundos que a minha alma solta...

Sombras longínquas, pelo céu dispersas...
Máguas pungentes, no meu peito imersas...
O Bem da minha vida que não volta.

Casam-se aqui o Sentimento e a Arte num admirável consórcio literário.

G.

Quintas na freguesia de Silvares, Guimarãis

Vende-se o Casal da Gandara e a quinta da Brussa.

Informa Camilo Laranjeiro dos Reis — Guimarãis. (148)

ITINERÁRIOS

Ao Dr. Américo Durão.

VII

15) Maria Teresa, em criança, nem por isso gostava afeiçoadamente do campo, nem mesmo já menina, por aquelas romariosas e longas visitas de Pai António ao santuário do lar paterno. Falava-lhe mais ao coração, ainda abrolhando naquela vaga inquietude ansiada do transpôr o limiar da adolescência, a meia sombra enternecida e misteriosa da cidade arcaica, em seu sonambulismo de necrópole, com os altos campanários desolados, as ruas ermas, de esquinas agudas e salientes, seus beirais pluviosos, gemendo orações, e arfando na labuta merencória. A aldeia revelou-se-lhe, agora, um enlêvo de iniciação amorável, como personagem mística de romance. A luz, a côr, o som — eram os degraus dos sentidos por onde ela ia subindo a escada da compreensão, de seu irmanar com as coisas. A luz directa do sol, apenas, até então, como entrevisto por trás dos vidros ou frestado por entre o casario, a cingir-lhe o corpo e a tomá-la em seus braços. A lenta suavidade cromática, do alvorecer ao pleno dia. A luz que vai desabrochando do botão em flor, abre suas pétalas de iris e as derrama em largos aspersos. A própria luz de mágoa nos dias negros e feios, encolhida e doente de nostalgia, de enfadamento, de velhice. E a luz de saüdade no enlanguescer crepuscular, quando, para além das serras, estagna em lagoa de sangue, por onde sulcam, fendendo as estrias de oiro fulgente, flocos brancos, esfarrapos de nuvens, como lentas velas de barcos — e o vermelho incendiário desfalece em violeta, e o violeta se desfaz em nèvoinha no azul mais límpido, onde já as estrelas se acendem.

E o som, essa íntima vibração das cousas, sempre viva, sempre acordada, começou para ela, que nunca, indiferente ou ignorante, a atendera, a ter voz, a ter sentido, a ter alma. O gorgulhar satisfeito da água da bica, que tem um riso juvenil, ou o quebrado lamento suspiroso do caír de gôta-a gôta; o pingue-pingue na vasa lodosa, como o derrame da cêra dos archotes nas lajes do templo; a água lépida dos ribeirinhos, com sua mensagem de segredos ou a água murmuradeira e tagarela dos lavadouros, anaçada de sabão e no engrôsso das escórias da vida alheia; a água sôlta das pôças de rega, que se vai pressurosa, se reparte, infiltra e some, e a água da vida, que brota da rocha e logo salta por alcantis e fragas, pura, alegre, leve e fresca... E o mugir dos bois, o balar das ovelhas, o chiar dos carros, em litanias de peregrino, esmoucando as trilhas ásperas e ensilveiradas, o canto viril dos galos, desempenado e claro, dando o àlerta a outros, de casal em casal, a correr tôda a freguesia de ponta a ponta; o bater dos teares, em que, através os lanços da conversa namorada, mas sempre serva do trabalho, já se ouvem os embalos do bêrço; o ferir dos picos de ferro na consistência do granito, impassível às afrontas, sem gemer, mas percutindo em clara e timbrada sonoridade sua rudeza heróica e primitiva; o repentino estremecer de qualquer brusco torvelinho do vento, enramalhando-se nas árvores, bailando com as flores... O que diz a lenha, a arder no lar, a voz profética, a voz apostolar, a voz pagã, a cristianíssima voz da lenha, evangelho e filosofia; — a lenha dos pinheiros e carvalhos, a do sobretoro e do sobreiro, caruma ou fôlha sêca, transformando-se em núvem de incenso penetrante, a rama ou a casca, do tronco ou miúda; — e a voz que tudo exprime, o amor e a cólera, o beijo, em volutas de jóia viva, e o punhal de fogo, a arrancar sangue rútilo; e geme e canta, e soluça e grita, e ri e chora... A voz do barro, posto ao lume, o estalar das telhas no telhado... O gemer da madeira, pela noite. E, de noite, em noites de luar, o uivoso latido dos cães, presago, não aos passos do viandante ignoto ou do caminheiro suspeito, mas ao mexer das sombras. As estrelas, às miríades, tantas e tão lindas, e tôdas diferentes, — em seu lacrimar de pérola, em seu sorrir de diamante, murmúrio poesia, muito longe, quási extinto, leve rumor de cintilo, dos sonhos imateriais. E as avesinhas? A toutinegra, o pintassilgo, a carriça, a cotovia, o melro, cujo assobiar esfusia em rajada como se, de súbito, um ar de vento levantasse o pó do riso, a sacudi-lo em vibrações agudas de metal, e, logo, donairoso, modula os trinos como flamas, dando às suas notas, todo de negro em suas negras penas, sons coloridos e ardentes, de trovador gracil e azevieiro; e aquela avesita, com certeza pequenina e tímida, que só tem duas notas de cristal, mas com tanto sentimento e arte as rima e conjuga, as divide e as alterna, e entremeia de claro-escuro, as queda em solilóquio ou desafia em diálogo, que as torna canção e bailado, quadra lírica e alexandrino épico, com larga orquestração musical. Como as avesinhas saüdam o dia, e dêle se despedem, e o vão marcando em suas horas, — a hora do desejo, a hora do amor, a hora do noivado, a hora da maternidade; e a fartura e a fome, e a fidelidade e o ciúme, a paz e a guerra...

E as noites de lua cheia, claras noites, noites amoráveis e saüdosas... A Maria Teresa, quando se deixava enlevar em seu esplendor, figurava-se-lhe que a nossa vida se parte e reparte em duas vidas, e uma delas, mais esforçada e aparente, a carnal, que se exterioriza nos hábitos caseiros e ao trato de outras semelhantes, adormecia ao declínio crepuscular, como se foram as radiações do sol sua agência dinâmica, para então, à formosa suavidade do luar, renascer a outra, em nós recôndita que nem estrangeira ou bastarda, e a verdadeira e legítima, mais pura e íntima, quási só feita do nosso espírito, da alma do nosso sentimento, fogofátuo do coração humano. O silêncio era profundamente religioso, êsse extenso silêncio mortal, na vigilia do infinito, em que se entretecia, no sudário do luar, o poema do amor, e do sonho, e das eternas aspirações. A alma, como estranha borboleta do país da morte, que só aquela fria luz magoada cativava e atraía, librava-se no espaço, o coração dilatava-se no refrigério do vasto oceano de neve, e a inteligência, desprendida das malezas chãs e vãs, subia imersa no azul, enfarinhando-se na poeira dos astros.

Numa das extremas do terraço, seguia, entre o silveiral do valado e a murta a debruar os canteiros, uma aleazinha aprazível de vasto horizonte: era, por noites de luar, o passeio de maior encantamento de Maria Teresa. Ao fundo, já a entroncar no montado vizinho, havia uma cascata natural, formada por um fio de água, escorrendo na pedra musgosa e ainda de rosmaninho atapetada, à sombra do cedro venerando. Ali talharam uns bancos de cortiça, ajeitado o sítio a ninho ou esconderijo de meditação ou repouso. Então, como a sua alma, a alma do perfume — na sua vida de amorosa da luz morta — dilatava-se: o do alecrim do norte e da alfazema, da caneleira em flor ou da alfádega, e do limonete, a que, do jardim, vinha misturar-se o das rosas e dos cravos, da madressilva e do heliotropo, do junquilho e das resêdas, como, do pomar, o tão subtil e penetrante da flor da laranjeira. Ao passar, fios invisíveis roçavam-lhe a face: cla cortara, desfizera, inutilizara o esfôrço da pequenina aranha trabalhadeira e cuidosa. Mas, ao voltar de novo, já outros fios a tocavam, de novo tecidos no espaço, como em tenacidade constante e sem descanso. E Maria Teresa, absorta em saüdade e agasalhada em sua esperança, sentia que sua vida, como a de seu coração, andava assim ligada e prêsa por imperceptíveis liames, renovados em vigilante e esforçada constância, a outros seres e a outros destinos.

(Continua).

Eduardo d'Almeida.

Uma visita à Cidade

XII

Comentários

Estive na humanitária e benemérita Corporação dos Bombeiros Voluntários e percorri as suas principais dependências.

Logo à entrada, em alojamento mais amplo, permanece o importante material destinado à extinção de incêndios e a outros fins, que além de bom é também abundante e encontra-se no melhor estado de limpeza e de boa conservação. A seguir, vi a sala das sessões e Gabinete da Direcção, Biblioteca etc, onde a gente se sente bem, porque há ali a agradável sensação de quem vive num ambiente que simboliza a Vida, a Paz e a Glória!

Conversei durante alguns momentos com três Bombeiros que lá se encontravam e que por sinal me deixaram a impressão de serem boas pessoas e bons obreiros da Corporação a que pertencem.

Derivando a nossa conversa para um *bem à vontade*, já quási familiar, falou-se do 1.º Comandante sr. José Luíz de Pina, pessoa que muito bem conheço e que é, acima de tudo, um bairrista dos mais dedicados, como por diferentes vezes o tem provado.

Tive ocasião de ver que aquêle mesmo senhor se tem interessado, tanto quanto lho têm permitido as suas fôrças, pela prosperidade da sua muito querida Corporação, embora o tenha feito, por vezes, com o sacrifício da sua saúde.

Igualmente notei que continua a ser uma aspiração da grande maioria dos Bombeiros o regresso do sr. António de Sousa Lima ao lugar de 2.º Comandante, onde se revelou um exemplar superior e um intransigente defensor da boa ordem e da boa disciplina, e ao mesmo tempo um amigo de todos aquêles subordinados que se sentiam bem dentro das justas exigências do seu temperamento. Se um ou outro não lhe fazia a justiça a que tinha direito, isso nada influia na consideração geral em que era tido como 2.º Comandante, lugar que deixou de exercer por motivos que o próprio tempo se encarregará de esclarecer.

Também conheço o sr. António Lima, filho do importante industrial Vimaranense sr. António José Pereira de Lima, o que eu não sabia era que a Corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarãis tinha ficado tão pezarosa com a ocorrência citada. E se assim é — porque assim mo disseram — o sr. António Lima é um elemento que faz falta, tanto mais que o sr. José de Pina já tem justificado direiro a ter a seu lado quem, como ex-2.º Comandante em referência, prestigie a Corporação e poupe àquele senhor demasiados sacrifícios, que não são próprios da sua saúde nem da sua idade.

Constatei, pois, que a vontade da maior parte dos Bombeiros se manifesta no sentido do lugar de 2.º Comandante voltar a ser desempenhado pelo mesmo senhor António Lima. O que não indaguei foi da disposição em que se encontra actualmente o sr. Lima perante os desejos dos colegas que viram com profunda mágoa o seu afastamento do lugar referido. Assim passados uns momentos em amena e amiga palestra, agradeci a deferência dos três Bombeiros, que tiveram paciência por me aturar, e quando saía com a melhor das impressões do que tinha visto e ouvido, entrava nessa altura o Patrão Bastos — assim lhe ouvi chamar — que me pareceu um jóvem alegre e folgazão, longe, portanto, de o considerar avô de um *petizito* que o acompanhava, como em acto contínuo me foi dito por pessoa que me fez referências agradáveis sôbre a acção daquêle senhor como Bombeiro graduado. Enfim, nada falta à prestigiosa Corporação dos Bombeiros Vimaranenses. Ela tem bom e abundante material e bons obreiros que têm seguido as pisadas de outros que a morte lhe roubou, de entre os quais o estimado e saüdoso Vimaranense, sr. Simão da Costa Guimarãis, falecido há poucos anos, e que por muito tempo exerceu, com zêlo e dedicação, o cargo de 1.º Comandante, o qual só abandonou com a morte.

1938 — Setembro, 14.

Zé da Aldeia.

O amor à Terra e à Grei
— eis o nosso lema.

A inclemência da estiagem

Ou providências ou fome!

Não há memória de uma estiagem tam prolongada e, conseqüentemente, de resultados tão desastrosos. A falta de chuva, que tantos prejuízos acarretou ao agricultor, sobretudo àquêle que se dedicou ao amanho de terras sêcas ou com pouca água, criou uma situação aflitiva às classes pobre e operária e também uma série de embaraços à classe média. Estas três classes, que sempre são as mais atingidas pelo reflexo de um mau ano agrícola, são, por êsse motivo, as que mais sofrem as conseqüências da inclemência do demasiado e continuado calor que êste ano se tem feito sentir, transformando em manto de miséria muitas sementeiras de milho, cuja colheita é muito diminuta. Assim o dizem os proprietários e, bem assim, os lavradores-caseiros, sendo êstes os que igualmente fazem parte do número das verdadeiras vítimas da estiagem, visto que muitos há que não colhem o necessário para satisfazer o compromisso da renda aos respectivos senhorios. Estamos, por isso, na presença de um problema para o qual tem de ser chamada a atenção do Govêrno, no sentido de tomar tôdas as providências que julgar convenientes a-fim-de abastecer o País do milho necessário, para que, pelo menos, não falte aos pobres o seu principal alimento, que é o pão. Se essas providências não fôssem tomadas, o preço do milho passará a ser de tal forma que não haverá possibilidade de evitar o horroroso flagelo da fome, porque nem a classe verdadeiramente pobre nem mesmo a classe operária poderão resistir a semelhante agravamento do preço do pão. Portanto, trata-se de um caso que não pode deixar de ser devidamente ponderado pelo Poder Central, de modo a estabilizar o preço do milho dentro do que fôr justo e humano. Por outro lado — e para que os proprietários não sejam prejudicados — o razoável preço do milho pode ser compensado com uma melhor e até necessária regularização do preço do vinho, que está a ser muito inferior ao que é considerado normal. Porque é, por exemplo, que em vez de se vender um carro de milho por 600$00 e uma pipa de vinho por 300$00, não há-de passar a vender-se a pipa de vinho por 600$00 e o carro de milho por 400$00 o máximo?!

Como se vê, é absolutamente necessário fazer baixar o preço do milho e elevar o do vinho. Assim o reclama o princípio da boa justiça e o da boa humanidade. Dar pão a quem tem fome é uma das mais belas e mais nobres Obras da Misericórdia!

Z. da A.

Lêde e propagai o «Notícias de Guimarãis»

Vária

E a vida continua

(Do Caderno de notas... incirculáveis)

A Vila era um nó cego, a apertar arrochadamente os linhois brancos das duas estradas, vindas de longes e variadas partes, ora ali convergentes, e que logo seguiam diversos nortes: o nó, o Largo Municipal, aonde se levantam os Paços do Concelho; as fitas da estrada, indo cada uma à sua banda, as ruas mestras, com velhas casas de armas, os sobrados burgueses, outros já tintos de flamancia carioca; e o semi-arquilho do arrocho formava como um atravessamento de burgo aldeão, talvez o sítio originário, ainda de cabanas de alvenaria e adobe, com degraus tôscos à entrada, na mancha das carvalhas seculares, e o ribeirito familiar, de águas claras e mansas, a espraiar-se, além da ponte de arco romano, em curva graciosa de païsagem, recanto lírico da festa do S. João, das merendas dominicais, do encontro dos namorados, a ouvir o desafio dos rouxinois...

O Largo Municipal tinha a figura geométrica do vasto quadrilátero, com duas faces, a norte e a sul, de prédios em uniforme estilo pombalino (não sem que lhes quebrasse a sobriedade clássica a mascarra de alguns, forrados de azulejos, com bolas de vidros coloridos, como bocais de farmácia, nos ferros das varandas e nos espigões das claraboias): do levante, uma das pontas do laço da estrada, a rua principal, em avenida de tílias, e do ocaso, rua também ajardinada de acácias, a terminar na ladeira, curta mas íngreme, que levava, entre pilastras carcomidas, à Igreja Matriz, assente na esplanada airosa. Flanqueavam-na dois tugúrios rudes — a toca do oleiro, com seus fornos de coser o barro, e o antro vulcânico do ferreiro — cujo martelar incessante fazia como a pulsação metálica da Vila.

Com o mesmo rigor geométrico se colocavam as coisas em seu lugar. A' direita do Largo, de entrada, fazendo a esquina para a estrada, o Hotel do *Belo Horizonte*, a estação das caminhetas, os *Correios e Telégrafos*, a *Barbearia Moderna*, do Pereirinha Chamiço, que se penteava com seis fios de cabelo na calva gorda e lusidia como um «tutu» de menino, um restaurante, a *Farmácia*, do Ramos Pedraça, a *Casa das Silvinas*, as velhas solteironas, sempre fechada, sorumbática, misteriosa, o *Café da Vila*...; em todo o alinhado da esquerda, desde a *Pensão do Bom Regalo*, abriam-se as lojas dos mercadores, a *Barbearia Popular*, do António Maragoto, pêra de Satanaz, de cabelos espetados como tôco de vassoura piassaba, armazéns de géneros e abastecimento, chafaricas e estancos, a *Drogaria*, do Ladislau de Sanfins, antagonista do Ramos, da Farmácia, e, como os dois barbeiros, o Chamiço e o Maragoto, sempre irredutíveis adversários políticos, em qualquer situação ou regime, os relojoeiros, os ourives, gente de negócio, até... Mas era, na verdade, singular êsse último estabelecimento, só com duas portas mudas, discreto e de nojo como depósito de armador, e que logo se remarcava — talvez por isso... talvez pelo dono, o senhor Cristóvão de Alvite. Estranho fenómeno, com efeito, o Cristóvão de Alvite! Sujeitinho meão, de face rosada e sempre de recente escanhôo, bigode e cabelo grisalho, espessas sobrancelhas, os olhos azuis, redondos e mexediços nos quevedos de tartaruga, camisa branca e colarinho de goma, um grande plastrão com topázio, o fato de lã estambrada, colete de veludo fantasia, o calçado muito polido. Já viúvo, os filhos arrumados e ausentes, metido consigo mesmo, não emparceirava com ninguém, nem falava, nem discutia, sem querer saber e até mesmo ouvir, das vidas alheias, do que vinha e ia pela Vila ou pelo Mundo; e êste homem bisonho e original, que não tinha mais que os «bons dias» para os vizinhos ou o «passe por lá muito bem» a quem quer que fôsse, *professava a lei velha*, em seu trato comercial, da honradez antiga, apertada, severíssima, inquebrantável, sem rapa-pés à freguesia, nem exibições de mostruário, o que é — é, vendendo pelo seu justo preço e contentando-se com os poucos — que nunca lhe chegariam a fazer muito —, êle a indicar ao cliente, conforme suas necessidades e posses, o que mais lhe convinha, escrupuloso na escolha de todos os artigos, desde as agulhas e os botões — e exacto no mais pequeno algarismo de suas contas. Não tinha caixeiros, nem empregados, nem marçanos — Para quê? Seu maior prazer, não havendo a quem aviar, era estar só; e sua maior distração — o calado. Levantava-se cedo, muito cedo, talvez a primeira pessoa, com certeza, e, ainda por noite, já com o seu banho de água fria — dois regadores dela pela cabeça abaixo —, bem esfregado, pelo calor, com sumo de limão, dava o seu giro pela Vila, muito devagar, as mãos atrás das costas, passos miúdinhos e lentos, a ver os ares e os astros, as silhuetas dos prédios, os recortes de cantaria, os espaços de païsagem, as casas velhas, que assim conhecera de criança, ainda na mesma, a relembrar-se da gente que lá vivera e passara. Depois, vinha até ao Largo, que percorria em todos os ventos, parando aqui, além, como quem lê e medita o eloqüente silêncio das coisas, até que, se reduzia ao passeio do seu lado, e, finalmente, quando na luz já se notava o claro estremecer do dia, apenas aos metros rentes às portas da sua casa.

(Continua).

*

Arrenegos de Gregório Afonso: (1)

Arrenego dos preciosos, (2)
e dos cheios de perfumes.
Arrenego de mil costumes
e de mim, se me contentam.
Arrenego dos que se assentam
onde não devem estar.
Arrenego do passear
de contínuo pela praça,
e de quem não tem vergonha.
Arrenego de quem sonha
sempre em cousas mundanas.
Arrenego das ufanas
e das que são mui gulosas.
Arrenego das ciosas
criadas em muitos viços.
Arrenego de seus feitiços
e das que teem ruim fama.
Arrenego da gentil dama
que quer bem a homem vil.
Arrenego da sutil,
e aguda em maldades.
Arrenego das ruindades
quantas sabem ordenar.
Arrenego de quem gastar
sua vida após elas.
Arrenego também daquelas
que tomam muitos amores.
Arrenego dos pastores
que não olham por seu gado.
Arrenego do gran estado
E a renda quási nada.
Arrenego da pousada
em que há mui pouca roupa.
Arrenego também da pouca
devoção que vejo aqui.

(1) Continuado do n.º 344
(2) Saíu errado o último verso do número anterior. E' — e dos mui presuntuosos.

*

A música admirável, a suavíssima e lenta harmonia, triste, dêstes versos da *Canção do Outono*, de *Verlaine*, um dos maiores poetas franceses do Século XIX:

Les sanglots longs
Des violons
De l'automne
Blessent mon coeur
D'ume langueur
Monotone.

Tout suffocant
Et blême, quand
Sonne l'heure,
Je me souviens
Des jours anciens,
Et je pleure.

Et je m'en vais
Au vent mauvais
Qui m'emporte
De çá delá
Pareil a la
Feuille morte.

*

Baila ao luar a vaga e a espuma
veste-a de renda a esplender!
E o luar afaga e perfuma
a vaga, maga mulher.

Mas, despindo a espuma, a vaga
vem nua, que linda vem...
— Vou a beijá-la e ela, maga,
foge ao luar p'lo mar além.

Afonso Lopes Vieira.

*

Ao negro de Coímbra, preguntando-lhe D. Filipa de Castro que cousa era a saüdade de que se queixava, respondeu:

— Senhora, saüdade ser cousa como achar menos.

As mulheres são boas Aritméticas no pagar do crédito como no pagar do débito.

Não há matante ou picão de Lisboa que, como dizia uma Castelhana, não faça um mimo de Portugal, que é dar um beliscão, que leva meio braço ou a barriga da perna, a uma pecadora, que vai manquejando meia hora, e, como se deram lançada a mouro, se vão gabar disso.

Detendo-se um enforcado a encomendar muitas coisas a sua mulher, dizem que lhe disse (ela):

— Marido, hablando y andando, que se hace tarde.

Um bom dia todos o metem em casa.

A obrigação de primos era ter primas Freiras mui mimosas.

Já em 1605, D. Francisco de Aragão vinha a público com «os cabelos tintos de assafrão, o rosto de almagra, a garganta de gêsso e a bôca de setim, tôda a óleo, com uma demão de unto de porco, e outra de manteiga crua, com que ficava:

«Donna si laida, che la terra tutta
Né la piu vecchia avea, né la piu brutta».

Para levar um bom dia tôdas são comadres e amigas.

Librés e damas não teem mais que as primeiras mostras, logo perdem o lustro e mostram o fio.

Quem besta vem à Côrte, besta torna.

Para querer bem não faltam damas em que empregar o amor, e para regalo freira velha que vos tenha mimoso; velha que vos persiga e môça que sigais, pois uma vos paga com o que vos quer, à outra pagais com o que lhe quereis.

Mulher gaiteira ou rapariga leviana nunca fêz bom estomago.

Todo aquele que, descuidado de si mesmo. puser seus cuidados na devota a quem ama, e, tendo conseguido uma destas medalhas (da sua insignia), lhe fizer exclamações solitárias, der suspiros, donde ela os ouça, compu-

da cidade

Diversas Notícias

Garraiada

Conforme já noticiamos no nosso último número, realiza-se hoje na Praça de Touros «João de Melo» uma sensacional Corrida de Touros, promovida pela Comissão das Festas da Cidade, de colaboração com a Legião Portuguesa, e em que tomam parte diversos cavalheiros desta cidade e de outras localidades, prevendo-se grande concorrência.

Bispo de Arena

Retirou na quarta-feira para Braga, o senhor D Luís de Almeida, ilustrado Bispo de Arena, que, como noticiamos, esteve nesta Cidade a prègar no tríduo que se realizou no templo da Oiiveira e que presidiu à Peregrinação à Penha.

S. Ex.ª durante a sua estada em Guimarãis foi muito cumprimentado.

Auxílio aos Pobres no Inverno

Para satisfazer ao que é determinado pela Comissão Executiva Campanha de Auxílio aos Pobres no Inverno, o sr. Presidente da Comissão Concelhia pede a comparência de todos os presidentes das Delegações Paroquiais na Administração do Concelho, com a maior brevidade possível, a-fim-de receberem instruções para execução da próxima campanha.

Convocação

São convocados para prestar serviço efectivo, os soldados n.º 51 Justino Martins, da freguesia de Santa Marinha da Costa e José Macêdo, da freguesia de Donim, devendo apresentar-se nos quarteis das suas respectivas unidades até às 6 horas do dia 1 de Outubro próximo.

Feiras & Romarias

S. Mateus — Na freguesia de Gonça, realiza-se no próximo domingo, dia 25, a tradicional Romaria de S. Mateus, que, costuma ser muito concorrida e constará, como de costume, de solenidades religiosas e arraial com fogo, música e outras diversões.

Entre esta Cidade e o local da Romaria haverá carreiras de caminheta.

Ocorrências

Desastre numa mina — Na quinta-feira andavam a trabalhar numa mina, na propriedade do sr. António Teixeira Lameiras, no lugar de Covas, freguesia de Polvoreira, dêste concelho, vários operários. Ao meio dia fizeram explodir na mesma um tiro para partirem um rochedo. Eram duas horas quando penetraram na mina os operários Luíz Ferreira, casado, mineiro, de 55 anos, da freguesia de Polvoreira e Joaquim Teixeira, casado, mineiro, de 50 anos, morador em Santo Amaro, freguesia de Mascotelos, que ficaram entoxicados pelos gases provenientes da detonação e foram dali retirados, a custo, por populares e pelos B. V, que imediatamente compareceram no local, prestando-lhes os primeiros socorros os srs. drs. João de Freitas e Castro Ferreira, após o que recolheram ao Hospital da Misericórdia.

Incêndio — Ao princípio da tarde de sábado, 10, pouco passava das 13 horas — manifestou-se um violento incêndio na Casa da Rua, sita no lugar do Bairro, Briteiros, e pertencente ao sr. Manuel Ribeiro, — que ali morava com a sua família.

O incêndio teve início numa porção de mato existente no eido contíguo à casa. Dali se propagou ao alpendre e dêste às outras dependências da casa. E com tal violência que, em menos de meia hora, todo o prédio se trasformara num enorme brazeiro.

Das janelas partiram aflitivos gritos de socoros, e os sinos tocaram a rebate. O povo da freguesia acorreu prontamente, iniciando o ataque ao fogo. Entrementes, chegaram os Bombeiros Voluntários de Caldas das Taipas e desta cidade. Sob a direcção do sr. José Luíz de Pina, 1.º Comandante dos Bombeiros desta cidade, o ataque foi iniciado com denodo.

Montaram-se algumas agulhetas, alimentadas pela água do rio e dos tanques existentes nas proximidades da Casa da Rua.

Infelizmente, os esforços resultaram inúteis. O fogo consumou a sua obra de destruição, — ficando o prédio reduzido a um montão de destroços. Nada escapou: nem as dependências do 1.º andar, nem as lojas da adega, — onde ficaram destruidas algumas pipas de vinho, — as cortes do gado.

Os prejuizos sobem a algumas dezenas de contos, — estando cobertos, em parte, pelo seguro.

Mulher alvejada a tiro — Rosa Ribeiro, casada, moradora ne freguesia de Urgezes, dêste concelho, queixou-se à Polícia de que no domingo à tarde, quando se encontrava junto da sua residência, foi atingida com um tiro de pistola disparado por José Mendes, solteiro, de 21 anos, de S. Martinho de Candoso, que foi enviado ao Tribunal.

Homem ferido — O guarda n.º 55 comunicou aos seus superiores que acompanhou ao Hospital da Misericórdia Manuel Fernandes, casado, sapateiro, residente na freguesia de S. Romão de Mesão Frio, dêste concelho, por se encontrar bastante ferido na cabeça.

Atropelamento — O ciclista António Lindoso atropelou, na Rua de Paio Galvão, a sr.ª D. Luiza Neves de Castro Oliveira Bastos que foi, acto contínuo, conduzida pelos B. V. ao Hospital da Misericórdia onde recebeu curativo, após o que recolheu a sua casa por o seu estado não inspirar cuidados.

Queda desastrosa — No domingo à tarde quando descia as escadas da Torre de Menagem do Castelo de Guimarãis, trazendo ao colo uma criança de 10 meses, uma senhora, que fazia parte de uma excursão do Pôrto, de nome Filomena Leitão, tropeçando num degrau caiu da altura de 4 metros, ferindo se bastante, pelo que recebeu curativo no Hospital da Misericórdia.

Embate de veículos — No lugar de Paçô Vieira, freguesia de Mesão-Frio dêste concelho, a caminheta de carga n.º 5 553 pertencente a Alvaro Martins de Magalhãis e conduzida pelo motorista Anselmo Pereira, ambos de Amarante, embateu contra o carro n.º 13.058 guiado pelo seu proprietário José Lopes Esteves, da praça desta cidade, ficando ambos os veículos ligeiramente avariados.

O automóvel conduzia a sr.ª D. Maria Constança Queiroz Montenegro e seu marido o sr. José Rocha Paris e o sr. Martinho Pinto Montenegro que nada sofreram àlém do susto.

A G. N. R. tomou conta da ocorrência.

Nomeação

Foi publicada uma portaria nomeando os srs. Drs. António Jesus Gonçalves e Aventino Leite de Faria, directores do ciclo do Liceu de Guimarãis. A S. Ex.as as nossas felicitações.

Missão Estética de Férias

Os estagiários da II Missão Estética de Férias, realizaram na 3.ª feira o seu anunciado passeio de estudo e recreio à Estância da Penha, em cujo Hotel almoçaram, tendo admirado imenso tôdas as belezas do local.

Boletim Elegante

Capitão Magalhãis Couto

Com sua família regressou da Praia de Francelos, o nosso prezado amigo e ilustre Presidente da Câmara Municipal, sr. José Maria Pereira Leite de Magalhãis Couto.

Bernardino Jordão

Do Pôrto, onde há meses se encontrava e um pouco melhor dos seus incómodos, regressou a esta cidade o nosso prezado amigo, sr. Bernardino Jordão que, por tal motivo, foi muito cumprimentado no seu palacete de Vila Flor.

Aniversários natalícios

António José Pereira de Lima — *Passa hoje o aniversário natalicio do nosso querido amigo e importante industrial vimaranense, sr. António José Pereira de Lima, ilustre vice-presidente da Câmara e antigo Administrador do Concelho, a quem o "Noticas de Guimarãis„ apresenta os seus respeitosos cumprimentos de felicitações.*

Fizeram e fazem anos:

No dia 27 de Agôsto, a sr.ª D. Maria Sotto Mayor e Menezes, do Solar de Rosende, de S. Pedro da Raimonda; no dia 11 do corrente, o sr. Manuel Pires de Sousa; no dia 17, o nosso prezado amigo e inteligente guarda-livros, sr. Artur Fernandes de Freitas; no dia 18, o sr. António Alberto Pimenta Machado, filho do nosso bom amigo e importante industrial sr. Alberto Pimenta Machado; nos dias 21 e 22, os nossos amigos srs. José Teixeira dos Santos, digno cartorário da V. O. T. de S. Domingos e Sebastião Teixeira de Aguiar; no dia 23, os nossos bons amigos srs. João Saraiva de Carvalho Brandão e António Alves Ferreira.

A todos apresentamos as nossas felicitações.

Dr. Francisco Pinto Rodrigues — *Passou na sexta-feira, dia 16, o aniversário natalicio do nosso querido amigo e distinto advogado nesta comarca, sr. dr. Francisco Pinto Rodrigues, a quem, por tal motivo, o "Noticias de Guimarãis„ apresenta os seus respeitosos cumprimentos de felicitações.*

José Gualberto de Freitas — *No próximo domingo, dia 25, passa o aniversário natalicio dêste nosso querido amigo e distinto colaborador e activo e solicito correspondente do "Correio do Minho„, a quem desde já apresentamos os nossos cumprimentos de parabéns.*

Mons. João Antóuio Ribeiro — *No próximo dia 27, passa o aniversário natalicio de Monsenhor João António Ribeiro, ilustrado Arcipreste e pároco da freguesia de N. S. da Oliveira, a quem o "Noticias de Guimarãis„ apresenta os seus cumprimentos.*

Doentes

Em Francelos, onde foi de visita a sua família, encontra-se gravemente enfermo o nosso bom amigo sr. José Fernandes Guimarãis, conceituado comerciante e industrial.

— Também tem passado ligeiramente incomodado o nosso bom amigo sr. tenente Ablílio do Espírito Santo Barreira.

— Tem passado também doente o nosso bom amigo sr. Joaquim de Sousa Dias.

Partidas e chegadas

Com sua família regressou das Pedras Salgadas o nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas.

— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo e distinto professor do Liceu sr. dr. Joaquim de Oliveira Tôrres.

—Esteve entre nós o nosso bom amigo e distinto pároco de S. Pedro da Raimonda, rev. Francisco de Melo.

—Encontra-se a veranear em S. Torcato o nosso bom amigo sr. Augusto Joaquim da Silva Guimarãis.

—Encontra-se nesta cidade a sr.ª D. Luciana Barroso da Costa Freitas.

—Esteve entre nós, tendo sido colocado em Infantaria 8, em Braga, o nosso prezado amigo e distinto sub-chefe de música, sr. António Ribeiro de Castro, que há tempos se encontrava em Mafra e que nos deu o prazer da sua visita.

— Regressaram de Lourdes, onde foram tomar parte numa peregrinação, os nossos bons amigos e ilustrados sacerdotes revs. Domingos da Silva Gonçalves e Augusto Borges de Sá.

— Após uma visita a sua família regressaram às suas propriedades de Bustelo, Vila Real, a sr.ª D. Maria Azevedo e sua filha, sogra e cunhada, respectivamente, do nosso amigo sr. José Maria Nunes, digno tesoureiro do B. N. U. nesta cidade.

— Com sua família encontra-se na Póvoa de Varzim o nosso estimado amigo e conceituado industrial sr. António José Pereira Rodrigues.

— Com sua espôsa partiu para as suas propriedades de Baiôna, Taipas, o nosso bom amigo e distinto clínico sr. dr. Alfredo Peixoto.

— Vimos nesta cidade o nosso prezado amigo e distinto camarada de "A Voz de Fafe„, sr. António da Mota Teixeira Bastos e sua espôsa.

— Encontram-se na Póvoa de Varzim as famílias dos nossos amigos srs. Adriano Sampaio de Abreu, Domingos Alves Machado e Manuel Fernandes Braga.

— Com sua família encontra-se na Curia o nosso prezado amigo e estimado capitalista sr. Joaquim Pacheco Guimarãis.

— Com sua espôsa partiu para Viatodos (Minho) o nosso prezado amigo sr. Amadeu José de Almeida.

— Com sua espôsa encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e digno gerente da agência do B. N. U., em Gouveia, sr. António Cerqueira Maciel.

— Partiu com sua familia para as suas propriedades de Santa Maria de Souto o nosso bom amigo e distinto advogado sr. dr. António do Amaral.

— Regressou, com sua familia, das Caldas das Taipas o nosso bom amigo sr. José Jacinto Júnior.

— Encontra-se nas suas propriedades de S. Cristóvão de Selho, com sua familia, o nosso prezado amigo e distinto clinico sr. dr. João d'Almeida.

Regressou de Monsão o nosso amigo sr. Armando Umberto Gonçalves.

— Também regressou da Póvoa de Varzim, com sua familia, o estimado capitalista e nosso bom amigo sr. Francisco d'Assis Costa Guimarãis.

— Partiu para as suas propriedades de S. Torcato, com sua familia, o nosso bom amigo e conceituado industrial sr. Belmiro Mendes de Oliveira.

— Encontra-se com sua familia, a gôso de férias, na Serra da Estréla, o distinto chefe dos Correios e Telégrafos, desta cidade e nosso bom amigo sr. Julião Carneiro da Silva.

— Encontram-se nas suas propriedades de Pencelo e S. Pedro de Azurém, respectivamente, com suas familias, os nossos bons amigos srs. Alberto Vieira Braga, distinto publicista e José Fernandes, conceituado industrial.

— Com sua familia regressou a esta cidade o ilustre Director da Escola Industrial e Comercial de Francisco de Holanda, desta cidade, sr. António Azevedo.

— Regressaram, de França o nosso amigo sr. Francisco Machado e da Póvoa de Varzim o nosso amigo sr. Aurélio de Barros Martins (Ferra)

Nascimento

Teve a sua dèlivrance, *dando à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Laura Duarte Xavier, espôsa do nosso prezado amigo e conceituado negociante local sr. António da Silva Xavier. Parabéns.*

Próximo enlace

Deve realizar-se em breve o casamento do considerado proprietário sr. Francisco José da Silva Guimarãis com a sr.ª D. Maria Martins Marinho, estimada proprietária do "Quiosque do Toural„. Desejamos-lhes desde já muitas felicidades.

Cão Coelheiro *com 10 mêses, que dá pelo nome de Macaco, desapareceu do monte da Penha no dia 15/9/938. Pede-se à pessoa que o encontrar o favor de o entregar a Francisco Dias Martins, Rua da Liberdade n.º 104, desta cidade, que gratifica.*

Procede-se a todo o tempo contra quem o retiver. (147)

ser motes, escrever cartas contemplativas, lhe concede o amor quinze anos de parvoice e outras tantas quarentenas de tempo perdido e outros tantos de bôlsa vasia.

São herejes do amor os que profanam as santas leis da pureza, querendo, com o nome de virtude, autorizar o vício, e, com o pretexto de amor, desculpar sua torpeza. E daqui vem chamar-se o amor querer bem, porque o contrário é amar-se e não amar.

Isto de raparigas ou é para velhos ou para rapazes.

Dizia a outra ao marido que fôsse a sua alma mui consolada, que não casaria com quem (êle) se temia, porque já tinha dado a sua palavra a outro.

As doenças são às vezes remédio de muitas enfermidades.

(Da *Fastigimia*).

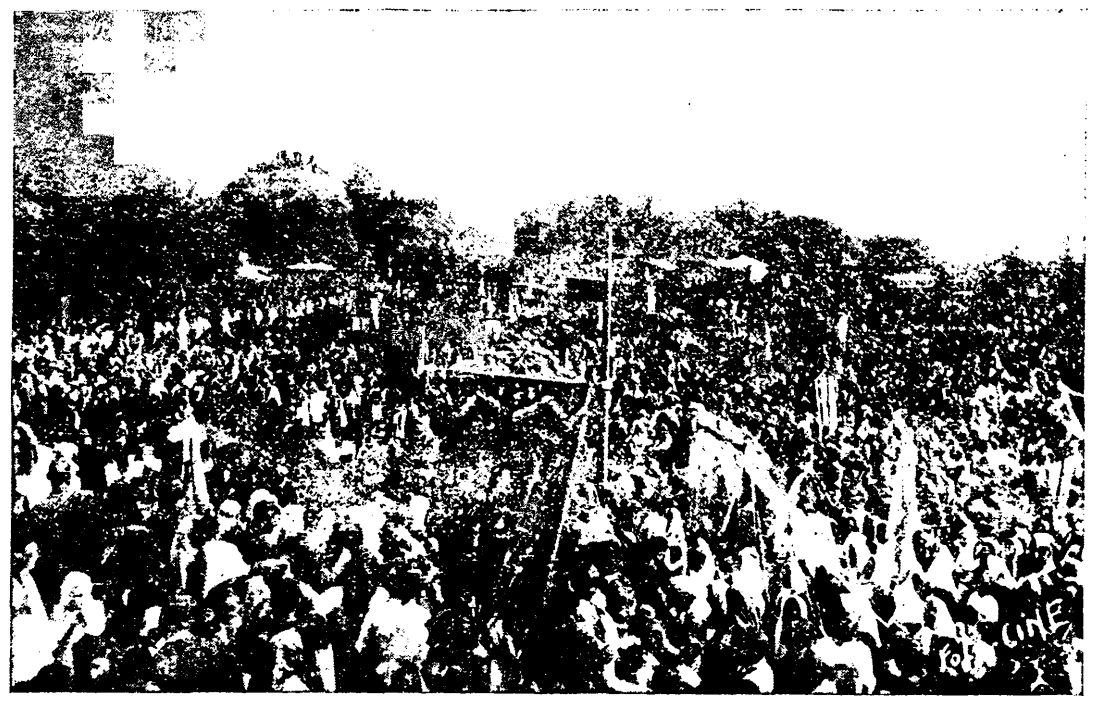
Tomé Pinheiro da Veiga.

*

Dizia *Herculano*, se o não dizia já a velha experiência, : Mostrar aos poderosos que se tem razão contra êles, é o maior dos perigos do mundo.

Grandiosa Peregrinação à Virgem da Penha

O desfile pelas ruas da Cidade e, depois, pelo serpenteado da estrada. — Na Penha a apoteose à Virgem. — Missa campal e alocução do sr. Bispo de Arena.



Um aspecto da chegada da Peregrinação à montanha da Penha.

Satisfeitos podem estar todos os organizadores da grandiosa romagem de domingo, pois ela ficará memorável. Foi, como previramos, imponentíssima e atraiu ao alto da nossa magestosa Penha dezenas — muitas dezenas — de milhares de pessoas vindas de perto e de longe para tomarem parte nessa extraordinária manifestação de fé e amor, umas, para presencearem o soberbo espectáculo, outras.

Desde manhã cêdo a cidade começou a movimentar-se. De todos os lados e em todos os meios de transporte iam chegando muitos peregrinos e, entretanto, terminadas as missas, que desde as 5 horas começaram a rezar-se em quási todos os templos, no vasto Largo da República do Brazil ia sendo organizado o cortejo.

Pelas estradas veem chegando mais camionetas e os combóios especiais despejam os peregrinos mais retardatários. Eram 9 e um quarto quando chegou o sr. Bispo de Arena que momentos depois e da varanda do Templo dos Santos Passos, revestido das vestes prelatícias lançava a bênção dos peregrinos. No ar estralejam salvas de morteiros, a banda dos B. V. toca o «Hino da Peregrinação» e os peregrinos irrompem em vivas entusiásticos e batem palmas. E o cortejo, longo e bem organizado, põi-se êm marcha por S. Dâmaso, L. Prior do Crato, Praça de D. Afonso Henriques, rua de Santo António, rua 5 de Outubro, L. Martins Sarmento, rua Conde D. Henrique, Largo do Salvador e Arcela, a caminho da estrada da Penha, por entre cânticos e preces e por entre alas compactas de populares que assistiam em todo o percurso, ao desfile. De quando em quando, — na Cruz de Argola, em S. Romão de Mesão Frio, em Belos Ares, etc. — novos e numerosos grupos de peregrinos das freguesias do extremo do concelho e dos concelhos de Póvoa de Lanhoso, Fafe e Felgueiras, iam engrossando o extenso cortejo. Pouco depois das 11 e meia já no sopé do monte começam a aparecer as primeiras bandeiras que vão subindo, subindo sempre, em grande número e marchando garbosamente.

Na estrada e à distância de quási um quilómetro da Penha, sôbre umas rochas e num pavilhão para tal fim construído, estava a linda Imagem de N. Senhora da Conceição e à sua volta o sr. Bispo, a Mêsa da Irmandade da Penha, a Junta de Turismo, as autoridades locais e outras pessoas de representação.

Uma salva de morteiros anuncia, às 12 horas, a chegada e no mesmo momento um avião evoluciona sôbre os peregrinos e deixa caír um lindo ramo de flores. O entusiásmo aumenta e já se vêem muitos milhares de lenços brancos acenando. Por todos os lados, nos caminhos, na estrada, sôbre a enorme penedia da montanha, muita gente assiste maravilhada ao espectáculo e durante mais de três quartos de hora o cortejo, extenso e brilhante, passa na nossa frente.

Veem na vanguarda os escutas e segue-se o estandarte da Associação dos Curtidores e Surradores — aquele mesmo estandarte que há muitos anos abre a peregrinação — com a legenda «Fé — Trabalho — Amor». Depois os Sindicatos Nacionais, Juventudes Católicas, e muitas outras associações religiosas da cidade e concelho e dos concelhos limitrofes, bem como de Braga, Pôrto e muitas outras localidades, no montante de 130 com os seus estandartes e pendões, a irmandade da Penha com as suas opas brancas e, no final, o andor da Virgem atraz do qual seguiam o Prelado, Arcipreste, clero, autoridades, comissão da Peregrinação e outras pessoas, fechando-o a banda dos B. V. e muito povo.

A's 13 horas em frente ao Santuário Eucarístico (em construção) e em altar improvisado, o rev. Gaspar Nunes celebrou a missa campal. Todo o grande largo fronteiro está cheio. O sol está escaldante mas, a-pesar-disso, os peregrinos estão firmes e assistem religiosamente ao acto.

Depois, terminada a missa, o sr. D. Luiz de Almeida, Bispo de Arena, sobe ao púlpito, que está colocado ao lado do altar e junto do andor da Virgem e pronuncia o seu sermão, que foi breve mas eloqüente. Contemplou aquele grandioso espectáculo e saüdou os peregrinos. Implorou da Virgem a paz para o Mundo e as prosperidades para Portugal.

O seu discurso foi escutado no meio do maior silêncio e transmitido ao público por poderosos alto-falantes.

A' tarde, as 16 horas, concluíram-se as solenidades com o Te-Deum que foi cantado no Santuário, após o que o Prelado, descendo até à Porta do Templo lançou a bênção Eucarística. Nesta altura produziu-se uma grandiosa manifestação em honra de Jesus Sacramentado, estralejando no espaço novas salvas de morteiros ao mesmo tempo que se ouviam calorosas salvas de palmas e no ar se agitavam de novo milhares de lenços.

— O movimento durante o dia foi grande mas não se registaram, felizmente, nenhuns desastres.

— O serviço de transportes agradou plenamente assim como o serviço de policiamento que esteve a cargo da G. N. R.

desporto

Abertura da Época de Foot-ball

Vitória vence o F. C. de F. por 4-1

Por determinação da Associação Regional e para dar continuïdade ao torneio *Taça de Encerramento*, que não chegou a ser concluído na época finda, deslocou-se no passado domingo à ridente vila de Fafe o grupo de Honra do Vitória, que, no Campo da Granja, realizou um desafio com igual categoria do F. C. de Fafe.

A exibição dos grupos contendores não foi feita de molde a merecer grandes elogios, só devendo admitir-se o que pràticamente resulta da expressão do *score* obtido pelo *team* vimaranense.

Na 1.ª parte, o grupo campião ensaiou um jôgo de passes curtos que muito pesou sôbre a sua linha média e que eficientemente quási nada resultou. Permitiu o pontapé à frente do adversário e só por milagre não viu as suas rêdes tocadas desde início. A linha dianteira "carburou„ mal e só Laureta II e Clemente conseguem entrar no terreno do adversário para que a êste último fôsse permitido abrir o activo com duas bolas.

No 2.º tempo, já os alvi-negros nos mostraram um lampejo das últimas exibições da época finda. Acentuam mais amiüdadamente o seu domínio territorial, obrigando a defêsa fafense a um trabalho aturado. Não obstante isso, Fafe consegue de surpreza o seu ponto de honra, para imediatamente depois levar a resposta dada por Vergílio com 2 *goals* de grande classe.

A arbitragem do sr. A. Martins foi equilibrada mas com algumas deficiências palmares.

* *

A linha vimaranense apresentou a seguinte formação: Elísio; Lino e João; Mário, Zeferino e José Maria; Laureta, Rodrigues, Clemente, Vergílio e Bravo. — *E.*

COLUMBOFILIA

Pombos-correios... desorientados

Aos pombais dos srs. Eduardo Pereira dos Santos e Rafael José Ferreira de Carvalho, desta cidade, recolheram os pombos-correios n.os 436122 e 440833 de anilha e que se entregam a quem provar pertencer-lhe.

E' motivo de elogio esta revelação feita pelos dignos sócios da *Columbófila de Guimarãis*, que assim demonstram ter noção exacta dos seus deveres e bem merecem da causa do Columbofilismo.

Arte Portuguesa

Uma conferência pelo Prof. Sr. Dr. Aarão de Lacerda.

Com a assistência dos ilustres Presidente da S. M. S. e Director do Museu Alberto Sampaio e outras entidades, muitas senhoras e cavalheiros e estagiários da II Missão Estética de Férias que, como temos noticiado, está decorrendo nesta cidade, iniciou, ontem à noite, no Salão Nobre da S. M. S. uma série de lições sôbre «Arte Portuguesa» o eminente Crítico de Arte e Distinto Escritor, sr. Dr. Aarão de Lacerda, que foi muito aplaudido.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

De luto

Pelo falecimento de seu pai ocorrido há dias em Famalicão, encontra-se de luto o nosso bom amigo sr. Dr. José Sebastião de Menezes, da Casa da Portela, Pevidém, a quem apresentamos as nossas condolências.

— Pelo falecimento do sr. José Lopes, ocorrido na quinta-feira, no Pevidém, encontram-se de luto seus cunhados e sobrinhos, respectivamente, os nossos prezados amigos srs. Manoel da Cunha Machado e Aprígio Neves de Castro, e Manuel Joaquim e Joaquim António da Cunha Machado e Vasco Leão Fernandes.

As nossas condolências.

Câmara Municipal

A Câmara na penúltima sessão, resolveu votar as seguintes percentagens adicionais às contribuições do Estado no ano económico de 1939: 30 % sôbre a contribuição predial rústica; 17 % sôbre a contribuição predial urbana; 14 % sôbre a contribuição industrial; (Grupos A e C), 12 % sôbre a contribuição industrial; (Grupo B) 25 % sôbre o Imposto de minas, parte proporcional; 10 % sôbre a aplicação de capitais (Secção A); bem como votar o imposto de Turismo de 3 % sôbre todos os rendimentos sujeitos às contribuições predial e industrial do concelho, para ser cobrado como adicional às contribuições do Estado.

O NOTÍCIAS DO EDIPISTA

Secção Charadística dirigida por *Lusbel*

Resultados do n.º 1-1.ª Série

Soluções

1 — sorte; 2 — doente; 3 — dono; 4 — cavador; 5 — maré; 6 — soldada; 7 — diligente; 8 — catado; 9 — válido.

Quadro de distinção

A'dê e Doralvas
(3 votos)

Outras votações: — Dr. X, 2 votos; Quico, 1 v.; Reirobi, 1 v.

Quadro de Honra

Don Zé Franuli, Doralvas, Dr. X, João da Aldeia, José do Canto, Matatudo, Pacatão e Quico.

Totalistas.

Quadro de Mérito

A'dê, A. L. C., Odracir e Vaníloquo, 8; P. de Inkin, 6; Incógnito, 5.

Nota: — De futuro só aceitaremos as listas de soluções que indicarem qual a charada mais simples ou mais perfeita. (Vêr indicações no final da Secção.)

1.ª Série Charadismo N.º 4

Sincopadas

1) *¿Ter dinheiro* é ter *sorte*,
não o ter é desventura;
quantas vezes acha a morte
quem o dinheiro procura... 3-2.

Guimarãis. *Dr. X.*

2) Quem vendeu a *pescada*, teve de pagar o *antigo tributo*. — 3-2.

Guimarãis. *Quico.*

3) Como a *orfã salta!* — 3-2.

Guimarãis. *Don Zé Franuli.*

4) *Prudência* não é *cobardia*... — 3-2.

Guimarãis. *A'dê.*

Novíssimas

(Ao *Arminho*)

5) O *clima* de *uma das províncias de Portugal* é benigno e a sua água de uma *alvura* admirável. — 1-2.

Guimarãis. *Vaníloquo.*

6) O *valor* daquele «*homem*» faz a mulher *ciumenta*. — 2-1.

Pevidém. *Esfinge.*

7) Um *indivíduo amalucado* comprou com uma «*nota*» o «*animal*». — 2-1.

Guimarãis. *Matatudo.*

8) Com o meu *ordenado* comprei o *catálogo* dum célebre *redactor*. — 2-2.

Guimarãis. *P. de Inkin.*

Mefistofélicas

9) Se a *fama* lhe *fugir* jàmais poderá *tornar-se célebre*. — (2-2) 3.

Caneiros. *Odracir.*

10) *De que modo habita* no *outeiro?* — (2-2) 3.

Guimarãis. *Doralvas.*

O praso para a entrega das decifrações, é de 15 dias após a saída de cada número, devendo cada decifrador mencionar na lista de soluções o seu pseudónimo e enderêço e qual o trabalho mais simples ou perfeito, bastando para tal, sublinhar a respectiva solução.

Admitimos qualquer espécie de charadas mas simples e originais, feitas cada uma no seu bocado de papel, assinadas com o pseudónimo e enderêço do autor, e indicando o dicionário onde são verificáveis.

Correio da Secção

A. L. C., Pôrto: — Muitíssimo obrigado pela sua estimada carta e pela colaboração que anuncia, mas que, naturalmente por lapso, não enviou. Agradeço a sua gentil oferta, que aproveitarei na primeira oportunidade. Retribuo os seus cumprimentos.

Dr. X., D. Zé Franuli e *Quico*: — Fizeram bem em enviar as rectificações, pois deixariam de ser totalistas.

P. de Inkin: — Obrigado pelas suas boas palavras, que aliás não mereço.

Matatudo: — Idem.

Vaníloquo: — Interessante a sua lista de decifrações, que lhe deve ter dado grande trabalho a organizar. Se é por prazer, muito bem; não sendo, basta enviar a decifração dos trabalhos publicados, citando apenas o n.º e a solução da charada respectiva.

Grupo os Abexins (Lisbôa): — Estou aguardando a vossa prometida colaboração.

A todos: — Atenção às indicações que mencionamos no final da Secção.

AGRADECIMENTO

O filho, nóra e sobrinhos do saüdoso Joaquim Penafort Lisboa, julgam ter agradecido a tôdas as pessoas amigas que se dignaram assistir aos funerais em Celorico de Basto e à missa de Corpo Presente no cemitério desta cidade, e ainda àquelas que lhe enviaram condolências, mas receando que tenha havido alguma falta involuntária, vêem por êste meio repará-la.

Celorico de Basto / Guimarãis } 14 de Setembro de 1938.

(145)

Dos Livros. Dos Jornais.

Um acontecimentu literário

«Áustria, Pátria minha»

por *Kurt Von Schuschnigg.*

Na colecção «Documentos e Ideias para a História» a Editorial «*Inquérito*» acaba de publicar mais um volume que é um curioso repositório de factos que têm directa ligação com o *Anschluss*. Trata-se da tradução portuguesa da obra de Kurt Von Schuschnigg. **«Austria, Pátria minha»** é verdadeiro testamento político do último chanceler da Austria. E' a história dos acontecimentos desenrolados na Austria depois da Grande Guerra e das várias crises políticas que se sucederam nesse país que o tratado de Versalhes desmantelou, reduzindo-o na sua extensão territorial.

As convulsões políticas que abalaram a Austria durante os primeiros tempos da república são descritos por quem de perto os viveu, como patriota e político.

Kurt Von Schuschnigg fêz a guerra e, alemão da Austria, aferrado às tradições do seu país, a custo pôde resignar-se à implantação da República e à destruição dos símbolos da realeza. Mas, mais tarde, aceitando o facto consumado, serviu o novo regime, cheio de fé e de patriotismo. Os acontecimentos de Julho de 1934 abriram-lhe as portas da chefia do Govêrno e, continuando na trilha de Dollfuss, seu antecessor e mestre, iniciou o seu período governativo pelo trabalho gigantesco de manter o equilíbrio entre as duas fôrças extremistas.

Foi árduo o trabalho do chanceler para se manter como fiel da balança num país abalado financeiramente e às voltas com o problema social e de raças, de mais difícil resolução que o político.

Estavam de pé vários acôrdos internacionais que a Austria se esforçava por que fôssem respeitados e mantidos. A Itália constituía a garantia da sua independência e, embora existissem o eixo Roma-Berlim, Schuschnigg confiava nos tratados. Mas... outros valores e outras conveniências se escondiam por detraz dêsses tratados. E, como sempre, mais uma vez a diplomacia falhou. Venceu a fôrça, a grande fôrça do povo alemão, na sua ânsia de avassalar o mundo.

O princípio dêste ano marca uma nova era para a Austria. Acorrentada à Alemanha pela desmedida ambição de Hitler, que tenta agora subvertê-la religiosamente, a Austria geme sob o pêso do invasor. Desapareceu do mapa Europeu, tornada província do III *Reich*, sob o signo da divindade germânica.

Eis, em síntese, o que se depreende da leitura dêste livro de Schuschnigg, o último chanceler da Austria, que perdeu a liberdade por lutar pela liberdade da sua Pátria. Pode considerar-se o testamento político de Schuschnigg, êste livro que a Editorial «*Inquérito*» — Rua do Mundo, 100-2.º, Lisbôa — acaba de lançar no mercado, o qual vem fazer muita luz sôbre os precedentes do célebre *Anschluss*.

Jornal de Lousada — Este nosso prezado colega acaba de entrar no seu XXXI ano de publicação, sendo digno de louvor o seu ilustre Director sr. José Teixeira da Mota, bem como, todos quantos teem prestado ao nosso colega a sua colaboração.

Felicitamo-los, pois, desejando ao «Jornal de Lousada», longa vida e prosperidades.

Estrêla do Minho — Este nosso ilustre colega, que se publica na linda e visinha vila de Famalicão, sob a direcção do nosso prezado camarada, sr. Casimiro da Silva e fundado pelo sr. Manuel Pinto de Sousa, já falecido, completou no dia 31 de Julho 43 anos de existência, sendo motivo para, embora tarde, lhe apresentarmos as mais efusivas saüdações de franca e leal camaradagem, com o desejo das maiores venturas.

Diversas publicações — Temos sôbre a nossa mêsa de trabalho, vários livros e folhetos recebidos últimamente e aos quais não nos foi possível ainda fazer a devida referência, o que faremos brevemente.

do concelho

Pevidém, 15

GIRO DO AVE

Promovido pelo Grupo Recreativo do Pevidém, realiza-se no dia 2 de Outubro e não em 25 de Setembro como estava anunciada, esta importante prova ciclista para corredores Amadores-Seniors (Fracos) filiados e não filiados. A Comissão organizadora não se tem poupado a esforços nem despesas para que aos concorrentes seja dispensado todo o confôrto e boa regularidade desportiva, procurando desta maneira ajudar o levantamento de tam interessante desporto.

Espera-se portanto muitos concorrentes a esta prova, sem dúvida a melhor da região.

— Tem-se notado nesta povoação uma enorme falta de água, o que causa certas arrelias em todos os seus habitantes.

Chamamos a atenção de quem de direito para tam importante problema.

— Fêz anos no dia 9 o interessante menino Francisco Martins Coelho Lima, filho do nosso amigo sr. Albano Martins Coelho Lima. Parabéns.

S. Torcato, 16 — Contando 63 anos de idade, finou-se no passado sábado, na sua residência, no lugar do Gaiteiro, o sr. António Fernandes, casado com a sr.ª Joaquina da Cunha, pai dos nos nossos prezados amigos srs. Joaquim Fernandes e José Fernandes, respectivamente servo da V. O. T. de S. Domingos e Regente Escolar no Posto de Santa Maria de Souto. O seu funeral realizou-se na segunda-feira, perante numerosa assistência, para o cemitério paroquial, tendo também tomado parte nêste funeral diversas associações religiosas de S. Salvador de Souto, donde o extinto era natural e onde exerceu durante muitos anos o cargo de servo no mosteiro daquela freguesia. A tôda a família enlutada e duma maneira especial a êstes nossos amigos apresentamos sentidas condolências.

— Por ter caído duma bicicleta, encontra-se gravemente ferido o nosso amigo sr. João Salvador Pinheiro, a quem por tal motivo desejamos as mais rápidas melhoras.

— Partiram para a praia da Póvoa de Varzim o sr. João da Mota e sua espôsa, bem como a espôsa e filhinhos do nosso amigo sr. José Vieira.

— Da mesma praia regressou, acompanhado de sua espôsa, o nosso respeitável amigo, sr. António de Freitas, da casa de Agra.

— Foi muito visitada, no passado domingo, esta linda Estância, por grande número de excursionistas e por diversos grupos da J. O. C. de diferentes localidades.

— E' já no próximo domingo, dia 25, que se realiza, em Gonça, uma imponente festa em honra de S. Mateus. Conforme o programa já anunciado e devido aos grandes esforços que tem feito a Comissão, estamos certos de que irá ser a maior das festas até hoje realizadas.

— Cêrca das 9 horas de quinta-feira, houve um princípio de incêndio numa casa do lugar do Assento, habitado pelo caseiro João José de Carvalho. Aos gritos de uma criança acudiram muitos vizinhos que, valendo-se da água que tinham para consumo, conseguiram dominá-lo ràpidamente. — *C.*

Urgezes, 16 — Foi com agrado, que, no passado domingo, lêmos neste conceituado semanário, a notícia referente à deliberação que a Câmara Municipal tomou em mandar calcetar o caminho que dá acesso ao apeadeiro de Covas, conforme lhe fôra solicitado por algumas Juntas de freguesias, ao que aqui, na devida altura, fizemos também referência.

— No passado domingo, pela tardinha, deu-se uma grave desordem no lugar do Paço de Baixo, havendo tiros, sendo atingida Rosa Ribeiro, daquele lugar, pelo que teve de ser conduzida ao hospital dessa cidade.

— Encontra-se entre nós a sr.ª D. Luciana Freitas, viúva do saüdoso sr. Fernando da Costa Freitas.

— Na igreja paroquial de Polvoreira, baptizou-se, há dias, uma filhinha do nosso amigo e sócio na fábrica da Malhadoura, sr. Amadeu Esteves Pereira e de sua espôsa, sr.ª D. Emília Eduarda Salazar F. Leitão, que recebeu o nome de Maria Emília.

Fôram padrinhos o sr. Joaquim P. da Silva Guimarãis e sua espôsa, sr.ª D. Emília Teixeira Leitão, segundos tios maternos da neófita.

— Regressou do Pôrto, onde se encontrava desde há tempos, o nosso respeitável amigo, sr. Bernardino Jordão. — *Alex.*

INTERNATO ACADÉMICO

anexo ao

Liceu Martins Sarmento

TELEFONE, 139 TELEFONE, 139

GUIMARÃIS

Instrução primária, Secundária, Cívica e Religiosa.

Colégio para alunos matriculados no Liceu instalado no mesmo edifício.

(107)

Pedir prospectos à Direcção.

BRASIL

Secção de Procuradoria da Casa Bancária

CUPERTINO DE MIRANDA & C.ª

SÉDE: — Rua Sá da Bandeira, 56 — PORTO

A mais perfeita organização de serviços de administração de bens em todos os Estados do Brasil. Compra e venda de prédios e papéis de crédito; cobranças de alugueis, juros e dividendos; hipotécas, inventários e liquidação de heranças.

Comissões extremamente reduzidas. — Transferências rápidas.

DELEGADOS EM: — Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre, Bahia, Pará, Pernambuco, etc. (133)

SE A MENINA JÁ SE JULGA SENHORA

peça ao Papá e à Mamã, como prenda de anos um anel ou uma pulseira da moda.

Diga-lhes que já tem idade para usar jóias; peça com bons módinhos e êles acabarão por lha dar...

(4)

OURIVESARIA ANCORA

RUA 31 DE JANEIRO, 21 A 25

TELEFONE, 6078

P O R T O

Casa dos Pobres

Movimento durante o mês de Julho de 1938:

Subsídios em dinheiro a 176 pobres, 4.250$00.

Subsídios em dinheiro para renda de cass a 153 pobres, 2.583$50.

Albergue — Pernoitaram, 155.

Subsídio para transporte aos Inválidos, escudos 40$00.

Refeições fornecidas a Pobres — Sôpa, 10.895; Pães, 10.895; Pratos, 1.773; Copos de vinho, 459.

Barbearia — Barbas, 430; Corte de cabelos, 135.

Balneário — Banhos, 291; com despiolhamento, 4.

Vestuário fornecido — Casacos, 4; Blusas, 3; Calças, 5; Saias, 4; Camisas, 10; Colchões, 0; Ceroulas, 0; Vestidos, 2.

Cozinha Económica — Refeições fornecidas a operários — Sopas, 1.252; Pães, 2.283; Pratos, 2.721; Copos de vinho, 1.281.

Refeições fornecidas aos presos da Cadeia, 865.

Refeições fornecidas aos presos da Esqnadra, 269.

Lactário Municipal, anexo à Casa dos Pobres — Crianças que transitaram do mês de Julho, 23; Terminaram o aleitamento, 2; Faleceram, 1; Desistiu, 1; Leite consumido, 496 litros; Admitidas, 2.

Empregado-Viajante

Para trabalhar na Província com artigos da indústria de Guimarãis. Quem se encontrar habilitado, dirija-se a esta Redacção, onde lhe serão dados os competentes informes. (144)

Misericórdia de Guimarãis

Movimento hospitalar no mês de Agôsto de 1938

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 260.
Receitas abonadas a doentes externos, 197.
Parturientes recolhidas, 8.
Crianças nascidas, 6, sendo 5 do sexo masculino e 1 do sexo feminino.
Doentes existentes no último dia do mês de Julho, 86.
Doentes entrados durante o mês de Agôsto, 153.
Doentes saídos:
Curados, 76.
Melhorados, 43.
No mesmo estado, 8.
Falecidos, 7.
Ficaram existindo no último dia do mês de Agôsto, 105.
Banhos dados no balneário, 170.
Operações de grande e pequena cirurgia, 54.
Transfusões de sangue, 0.
Curativos feitos no Banco, 1 689.
Oftalmologia: — Operações, 4 Curativos, 401.
Injecções aplicadas, 1641.
Sessões de Raios ultra-violetas, 184.
Sessões de Diatermia, 269.

Hospital António Francisco Guimarãis-Vizela

Consultas no Banco, 27.
Doentes existentes no último dia do mês de Julho, 15.
Doentes entrados durante o mês de Agôto, 3.
Doentes saídos:
Curados, 2.
Melhorados, 4.
Falecidos, 0.
Ficaram existindo no último dia do mês de Agôsto, 12.
Operações de pequena cirurgia, 0.
Curativos feitos no Banco, 249
Injecções aplicadas, 11.

Brinde aos nossos leitores

«CT1BO»

Revista em 2 actos

PREÇO 5$00 *Rollin de Macedo.*

Por especial deferência do seu autor para com o nosso jornal, quem recortar êste anúncio e lhe juntar 2$00 em sêlos de correio, dirigindo-se em carta fechada à Rua do Sol-Graça — 24-2.º Esq. Lisboa, receberá êste livro na volta do correio, sem mais despesa.

Importante: Torna-se indispensável juntar êste anúncio ao pedido e aos 2$00 em sêlos, dirigido ao autor.

OURIVESARIA SOUSA

DE

Sousa & Coelho

A casa mais especializada em jóias género antigo e a que maior sortido apresenta, tendo sempre as últimas novidades por ter oficinas próprias.

(127)

Confrontem os preços desta casa.

JOSÉ PINTO RODRIGUES

ADVOGADO

(no escritório do Ex.mo Sr. Dr. António do Amaral)

Das 11 às 13 e das 14 às 17 horas.

FÁBRICA DE CORTUMES

VENDE-SE, situada no Pôrto, pronta a funcionar, com Alvará, terrenos e casa de habitação. Escrever a Jorge Nogueira Silvano, Rua de Gondarêm, 705 — Pôrto.

(146)

Casa. Aluga-se uma casa nova, aos andares, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. Informa-se na casa imediata. (139)

Anunciai no «Notícias de Guimarãis» e fareis uma boa propaganda.